

Em todo o país prossegue intensa a luta dos explorados contra os seus exploradores

O público consumidor, que constitui a grande maioria do país, defende o seu direito à vida e à liberdade

Farto de tanta roubo, de tanta especulação e de tanta corrupção, o país inteiro grita — "Basta!" às "forças vivas" que pretendem ainda roubá-lo mais, explorá-lo mais, corrompê-lo mais ainda com o poder das suas fortunas colossais feitas à custa das privações e das torturas do povo que produz, consome mas não tem nada que vender

RESPOSTA Á LETRA

AO ÓRGÃO DOS EXPLORADORES

O *Século*, que quebrando todas as suas tradições populares à sombra das quais se fez e medrou, se transformou, recentemente, num órgão de todas as manifestações reaccionárias, defendendo a igreja, o militarismo e as classes privilegiadas e ricas, vinha ontem indignado porque o grupo intelectual da *Seara Nova* se tinha colocado ao lado do governo, contra a oligarquia financeira que tudo pretende dominar.

E, censurando esse grupo, de que fazem parte homens do valor mental de Raúl Brandão, pretendia insinuar que ele se colocara ao lado dum governo absoluto, sistema de caele, contra as forças económicas que ordeiramente protestam, etc., etc.

Ao *Século* e a muitos aventureiros que procuram o apoio das "forças-vivas", unicamente porque estas têm o dinheiro de que aqueles carecem para aumentar a sua riqueza, ganância e ambição, convém desvirtuar factos. Se assim não fosse, o *Século*, que passou a defender os ricos e reaccionários, porque estes têm mais dinheiro, melhores anúncios e publicidade bem paga, para lhe dar, compreenderia que o gesto da *Seara Nova* é de simples protesto, de honesto protesto contra a judiaria das finanças que, especialmente depois da guerra, perdeu a cabeça, julgando enriquecer em meia dúzia de dias, insultando com a sua abastança a miséria dos trabalhadores manuais e intelectuais.

O impudor, a ganância desenfreada dos que enriqueceram misteriosa e rapidamente, e que tudo querem ter à sua ordem, desde o povo aos governos, dispondo do apoio da igreja, pretendendo transformar o exército em sua força privada — todo este movimento odioso e parasitário, todo este agir sinistro e adunco é que não pode continuar, e não continuará, suceda o que suceder.

E é por isso que todos os trabalhadores do país, hoje apoiados por muitos intelectuais, ergueram o seu protesto, que irá até onde for preciso para deter o passo aos exploradores.

Já protestaram, entre muitos outros, nomes como Raúl Brandão, Jaime Cortesão, Raúl Proença, Câmara Reis, Sarmiento Beires, Coelho de Carvalho e Rocha Martins.

Breve surgirão muitos outros protestos; e ninguém, de boa-fé, dirá que a estes homens que protestam não lhes sobra autoridade moral e intelectual para protestar.

Só admira que outros intelectuais, como por exemplo o dr. Trindade Coelho, que dirige o *Século*, não percebam isto, que é tão fácil de perceber!

Uma coisa, porém, afirmamos ao director do *Século*. Conhecemos noutro tempo um homem, grande liberal, grande carácter, grande coração, que um dia, mal com o mundo, nobremente pôs termo à existência. Chamava-se, também, Trindade Coelho, mas a pesar da sua bela inteligência, nunca escreveu uma linha a favor dos banqueiros ou de exploradores do povo.

Também numa outra local — a que dedicamos um «suelto» especial — o *Século* vem declarar que o sr. Pereira da Rosa ao empregar o termo "malta" não quis atingir a maioria dos que trabalham.

Entendemos a explicação e a razão porque ela se dá; mas a verdade é que o referido sr. Pereira da Rosa, gostando de salientar-se em constantes discursos e entrevistas, dando-se ares de general em chefe dos comerciantes, industriais e agricultores, quasi sempre é imprudente e inconveniente nos termos de que usa, e até à data apenas conseguiu comprometer todas estas classes que pessimamente orienta.

Diz-se na mesma local que ele ama o país e procede com inexcusável correcção.

Mas onde estão esses seus actos de benemerência em prol do país? Quanto à correcção, há quem afirme o contrário. E os que servem sob as suas ordens, mais duma vez teem conhecido o seu autoritarismo, a sua injustiça, a sua falta de urbanidade, a sua constante exaltação, que apenas se não manifesta para os que lhe engraxam as botas.

Quanto à afirmação de que a sua fortuna e posição são apenas devidas ao seu trabalho e ao seu esforço, tais aspectos da sua vida particular não nos interessam. Entretanto, sempre lhe diremos que se andasse pelos meios operários ou mesmo do comércio e indústria modestos, em vez de se meter nos altos meios da finança abastada, talvez compreendesse melhor os protestos do povo, que vive miseravelmente explorado.

Conhecemos muita gente, mesmo a maioria de pessoas, que são muito mais velhas e têm trabalhado mais do que o sr. Pereira da Rosa e outros da sua espécie, e continuam pobres, a pesar-duma vida de privações e economias.

Contrastes...

UMA ESPECULAÇÃO INFAME

A imprensa monárquica e das "forças económicas" vem especulando dum maneira infame com o conflito que se deu entre a manifestação de sexta-feira e a guarda republicana. Principiam por deturpar os factos dizendo que a guarda republicana só disparou depois de lhe ser arremessada a bomba. É falsa, absolutamente falsa essa versão. Sabemos por pessoas de toda a confiança que presenciaram os factos que só se ouviu explodir a bomba depois da guarda ter feito os primeiros tiros.

Foi, portanto, a guarda, obedecendo a um instinto de terror que as ordeiras atitudes dos manifestantes não justificava, que disparou primeiro, trazendo como consequência a bomba e o conflito que se lhe seguiu.

O presidente do ministério não fez mais do que exprimir um raciocínio lógico, dizendo que a guarda não se fez para fusilar o povo. O furor, o rancor patente com que os jornais reaccionários atacam esta frase, denuncia os seus instintos brutais, significa que eles pretendem que a guarda republicana fusile o povo, chacine o povo, que lhe paga, que a sustenta!

Fazem com o caso uma política infame de baixa e reles intriga, pretendendo indispor a guarda republicana contra o governo. Esta gente que pretende a viva força que se fusile o povo, é a que não tem uma única palavra de protesto quando a força pública fusila crianças, como há tempos sucedeu em Silves.

O protesto das "forças-vivas"

O movimento de protesto das "forças-vivas" contra a dissolução da Associação Comercial não foi geral ontem.

Algumas casas, a medo, correram uma parte das suas portas onduladas ou puzeram um tapal na montra. Muitas nem isso sequer fizeram.

O motivo do fracasso daquele protesto filia-se em várias razões bem compreensíveis. O pequeno comerciante, vítima dos grandes negociantes, não vê, em regra, com bons olhos o movimento das "forças-vivas"; outros têm os seus compromissos políticos e outros ainda sentem-se bem explorados pelos seus colegas que os exploram nas vendas das casas, nos gêneros alimentícios, etc. Ainda outros, e esses são em maior número, sabendo de que qualidade são os dirigentes das chamadas forças económicas, pouca ou nenhuma vontade têm de colaborar nos movimentos que tam anti-pático tornam à população o comércio em geral.

DA REFORMA BANCARIA

O fundo de maneo

é o fundo-ouro que garante a emissão de escudos com que o Estado paga os seus encargos

Explica-se a razão porque barafustam os accionistas do Banco de Portugal

No meio daquela confusão política que os deputados fazem no parlamento e alheios dos seus leitores, os problemas em torno dos quais andam as discussões exaltadas nunca aparecem com clareza aos olhos do público. Fala-se nas obrigações de Angola, na reforma bancaria, no fundo de maneo e outras coisas esquisitas que o leitor conhece apenas por ouvir dizer.

O fundo de maneo, por exemplo, é agora muito falado, muito discutido e pouco esclarecido. Diz-se que é uma afronta que o governo pretende fazer às barbas veenerandas dos illustres financeiros que pontificam no Banco de Portugal. E, no fim de contas, o fundo de maneo é uma questão mais simples do que parece.

Para melhor compreensão, abstrair-nos-emos de empregar termos técnicos. Antigamente, isto é, até ao ano de 1922, o Estado quando tinha de satisfazer os seus encargos e não possuía fundos bastantes, recorria, sem mais hesitações, ao aumento da circulação fiduciária. Aumentava a circulação de papel-moeda, mas como as reservas-ouro não eram aumentadas a moeda desvalorizava-se quasi subitamente, trazendo como immediata consequência a subida de preços de todos os gêneros e artigos necessários à vida.

Foi em 1922 que surgiu a engenhosa ideia do fundo de maneo para acudir aos encargos em escudos que o Estado teria de satisfazer. Escolheu-se o Banco de Portugal para realizar essa operação, que se cifrava no seguinte: O Estado, quando tivesse necessidade de escudos depositava no referido Banco uma determinada importância em libras. Essas libras garantiam ao Banco uma correspondente emissão de notas. Desta maneira, o papel-moeda ficava absolutamente coberto e garantido pelo depósito-ouro. Aumentava no mercado a circulação de papel, mas não aumentava a circulação fiduciária porque esta só existe quando se estampa papel sem as respectivas garantias em ouro.

Este processo, realmente engenhoso, livrava o Estado de apertos e dava ao Banco de Portugal que realizava a operação uma percentagem de lucro razoável que, juntando-se aos outros lucros, pesava a favor dos dividendos que os accionistas cobram todos os anos.

Ora, o Estado entendeu, e o actual ministro das finanças agiu nesse sentido, que aquela operação, em vez de ser feita pelo Banco, dando lucros a particulares que são os accionistas, poderia ser realizada pela Junta do Crédito Público, ficando o respectivo lucro na posse do Estado.

Os accionistas do Banco de Portugal, que ganhavam com as libras que são do Estado, berram, barafustam e resolvem agir... «pelas vias legais» no sentido de não acatar a reforma bancaria que entre outras coisas lhes retira das mãos o tal fundo de maneo. E aí temos alguns deputados a gritar que se queira aumentar a circulação fiduciária e outras cousas estupidas. No fundo, todo aquele barulho, leitor, provém do facto do Estado pagar naquelas libras, que são dele, e retirá-las das mãos de quem estava ganhando com elas. É mais nada.

Nos Estados Unidos

Os maneios do Ku-Klux-Klan

Os membros do Ku-Klux-Klan estão agitando a opinião, para que sejam deportados do país todos os trabalhadores nascidos no estrangeiro, e que não sejam submissos e obedientes às ordens dos patrões. Os naturais que tenham tendências liberais serão deportados para uma ilha remota, se se cumprirem os desejos de Kemal, padre da Georgia, que anda em propaganda por conta do K. K. K. Numa sessão realizada em Los Angeles, California, disse este «ministro de Deus» que num banco de New York tinham sido depositados trinta e três milhões de dólares-ouro, mandados pelo governo russo para a propaganda contra o governo dos Estados Unidos. «Todos os radicais, acrescentou, são opostos às nossas instituições, e o Klan arrojou-se o patriótico dever de exterminá-los. As raças inferiores de russos, romenos, italianos, etc., não devem degradar-nos».

Desprezando as leis de protecção aos operários

Num relatório feito pelo comissário operário de Nova Jersey, prova-se que em Passaic, N. J., quatro proprietários de fábricas da industria de lã, estão desafiando a lei contra o trabalho nocturno das mulheres empregadas nas suas fábricas.

Declararam estes vampiros que tal lei é inconstitucional e que, portanto, não a podem respeitar.

A DESORDEM POLÍTICA

Está-se forjando um grande partido conservador

A crise política da república está atingindo actualmente o máximo de acuidade. Os seus aspectos são tão graves que não desmerecem do nosso atento exame.

O Parlamento dissolve-se numa desordem completa, com os partidos a fragmentarem-se e os interesses particulares a sobreporem-se aos interesses nacionais. Tornou-se urgente uma solução, porém, nenhum partido está habilitado a apresentá-la e a fazê-la efectiva.

O actual ministério corresponde a essa necessidade, mas não representa mais do que um tímido ensaio, a primeira tentativa para um equilíbrio politico. Apresenta-se com um programa radical que, nos países de normalidade politica, seria apenas um programa moderadamente liberal.

Como corresponda palidamente a uma necessidade de progresso, os conservadores, que em toda a parte defendem interesses firmados, combatem o actual ministério com todas as forças de que dispõem.

Estas forças andam, porém, dispersas pelas várias facções, e esta dispersão provoca uma falta de unidade na acção contra o governo do sr. José Domingues dos Santos.

O fraccionamento dos partidos, principalmente do partido democrático, tem proporcionado ao actual ministério uma aparente maioria parlamentar. A opposição do proletariado, fortemente organizado, aos maneios das forças vivas, embaraça a acção dos conservadores, que as favorecem.

Além disso, a instabilidade dos governos não se resolveria com a queda do actual governo, porque nenhum outro que se formasse poderia contar com uma sólida maioria parlamentar.

Um alto magistrado da república, que exerce constitucionalmente uma eficaz influência nas soluções politicas, dispõe-se, pela sua educação liberal, a favorecer melhor uma politica radical do que a aceitar uma situação conservadora.

Prepara-se a formação dum bloco conservador

Compreendendo intuitivamente que a união dos conservadores poderá remover todos estes embaraços, os adversários do actual ministério estão fazendo secretas combinações para a formação dum bloco das direitas.

A iniciativa deste bloco deve pertencer ao sr. António Maria da Silva, chefe dos conservadores democraticos, a avaliar pelas suas diligências junto dos nacionalistas.

No paraíso dos trabalhadores...

O infame capitalismo

Embora na América do Norte os salários dos trabalhadores sejam um pouco mais elevados, do que os dos outros países, o que é facto incontestável é que a pesar-disso, não deixam lá de existir como em toda a parte os males inerentes ao sistema capitalista, tais como o *chômage* com todas as suas desastrosas consequências.

Assim Ana Smith, encarregada de distribuir carvão e viveres aos necessitados, em Chicago, disse recentemente que só num dia recebeu mais de mil pedidos de auxilio, especialmente de carvão, para aquecer as casas dos bairros pobres.

As condições são, simplesmente terríveis — disse Joel D. Hunter, superintendente geral das associações de caridade — A crise de trabalho, que se tem feito sentir nos últimos seis meses, fez com que seja trinta e cinco por cento mais do que o ano passado o número de indigentes, que se vem obrigados este ano a recorrer à caridade pública.

Como se vê nos Estados Unidos há milhares de desgraçados sem trabalho a quem faltam os artigos mais necessários à vida, incluindo o carvão, cuja carência no inverno é uma verdadeira tortura sobretudo para as populações dos Estados da Nova Inglaterra.

A causa deste mal-estar é principalmente devida à crise de superprodução, que neste momento se faz sentir atrozmente no país do dólar, o prestamista de todo o mundo.

100 contos mal gastos

Sabemos de fonte segura que o conde de L. vai gastar no Carnaval a insignificante quantia de 100 contos, dos quais 40 serão aplicados na aquisição de flores.

Estas intenções, que decerto se converterão em realidade, não necessitam de comentários fortes, elas só por si gritam, clamam contra quem as tem.

Esse cavalheiro não terá remorsos do crime que vai cometer?

Que bela escola se constituiria com aqueles 100 contos!

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

Um problema interessante

Não há muitos dias que li, creio que em *A Batalha*, uma pequena noticia sobre a criminalidade em Inglaterra. Parece que as estatísticas accusam uma muito sensível diminuição na população das prisões, nos últimos quatro ou cinco anos.

Depois vi uma pequena estatística relativa à criminalidade na Belgica, que nos revela o mesmo fenómeno: diminuição da população nas cadeias, e, mais ainda, nos albergues de mendigos.

Vejam-se os numeros:

A população das prisões era, em 1913, de 6245 pessoas; em 1921 de 4841; em 1922 de 4366; em 1923 de 4182.

Nos albergues de mendigos e vagabundos a diferença é maior. Esta população era, em média, nos anos anteriores à guerra, de 5000 pessoas.

Este número passou em 1921 a 1599; em 1922 a 1579; em 1923 a 1433.

Nota-se, além disso, que o mesmo fenómeno se produz nas escolas de beneficência, nas casas de refugio, isto é: instituições destinadas aos indigentes, a vítimas da vagabundagem, da incuria, da miséria. Mas há mais: é que se verifica que o número de alienados internados em estabelecimentos especiais, diminuiu de 19.000, em média, antes da guerra, para 3.000 depois de 1919.

Não nos devemos admirar se as estatísticas referentes a outros países disserem o mesmo, sobretudo se forem países pertencentes ao mesmo tipo de civilização da Inglaterra e da Belgica. Não conheço o que as estatísticas portuguesas dizem a este respeito e seria muito interessante e de grande utilidade saber-se se o mesmo fenómeno aqui se produz, para se procurarem as suas causas. Se o fenómeno se não observasse em Portugal, se, pelo contrário, houvesse um aumento das populações do crime e da miséria nos respectivos estabelecimentos, seria esse facto também um precioso elemento de estudo, por comparação.

Ficamos completamente desorientados com as estatísticas inglesas e belgas, porque elas vêm dizer-nos exactamente o contrário do que geralmente se pensava. Pela educação pessoal, pela leitura dos jornais, pelo que ouvimos dizer, e sobretudo pelo conhecimento das condições da vida social, nos seus diferentes aspectos, por tudo isso, eramos levados à convicção de que a criminalidade, a vagabundagem, a miséria delinquente, a loucura, etc., todas essas tristes manifestações de desequilíbrio moral e social, accusavam um farto aumento.

Na Inglaterra, a todas as outras causas que se podem apontar na Belgica, como tendentes ao aumento da criminalidade, há a juntar a formidável crise de trabalho, com muito mais dum milhão dos sem-trabalho.

Carestia de vida (de que tanto se fala, muito no ar) febre de prazer, incerteza pelo dia de amanhã, hábitos de violência verificados por toda a imprensa, etc., etc., pareciam um indício seguro de que se produziria um aumento de crimes e delitos e não o contrário. E, todavia, é o contrário que nos dois países citados se produz.

Relativamente à Belgica (e é provável que o mesmo se possa dizer da Inglaterra) o autor do artigo onde aqueles numeros se publicam, diz: «Resulta destes numeros que a saúde moral da população belga progride depois do armistício. A que atribuir esta melhoria? E' certo que o custo da vida aumentou fortemente e deveria actuar em sentido contrário ao indicado pelos numeros. Mas se os preços aumentaram, os salários aumentaram também, mantendo-se pouco mais ou menos a proporção. Mas o que fez realizar tão for-

UM PLANO TENEBROSO

O que andam por aí sempre vociferando contra a desordem, andam preparando os ânimos da policia e da Guarda Republicana para estabelecerem conflitos entre as suas corporações e haver pretexto para caírem sobre o povo.

Colaboram na sua intriga os jornais reaccionários e das "forças vivas."

Não colaboraremos nessa intriga e recomendamos ao operariado a máxima serenidade, para que não haja ensejo de os inimigos do governo pôrem em prática o tenebroso plano.

Lêde o Suplemento de A BATALHA OS EXPLORADORES DO POVO

As manobras dos bandidos que especulam com o trigo na América e na Inglaterra

Não há penúria de cereais, afirma uma empresa norte-americana

Nunca se especulou na Bolsa de Chicago com cereais como na presente ocasião.

Além dos especuladores profissionais, também entraram na lica os amadores, que não são, como é natural, os menos ardentes na luta.

Fortunas consideráveis têm sido assim feitas.

A mulher dum agricultor, M.me Scott Durand, diz-se que ganhou ultimamente um milhão de dólares. Os roubos de Arthur Cutten, grande negociante em cereais, feitos em dois dias ascendem a quinze milhões de dólares. Poder-se-hiam multiplicar os exemplos.

Em Londres também se tem feito de igual modo uma grande especulação.

No Canadá, e principalmente em Winnipeg, produziu-se uma leve baixa, que pouco durou, porque lá há também muita gente com interesse em que se mantenha a alta dos preços.

Uma pálide esperança desta situação se modificou foi dada por Gray Silver, presidente da *Grain Marketing Co.*, importante cooperativa de agricultores, que declarou: «Na minha opinião não há no mundo, a penúria de cereais que se pretende dizer, e advirto-vos que a Europa começa a comprar muito menos».

A SITUAÇÃO EM ESPANHA

A agonia dos partidos políticos

Depois de analisar a situação dos partidos catalanistas, republicanos e socialistas, vamos ver como lutam os outros partidos e as esperanças mais ou menos fundadas que nelas têm os diferentes sectores da opinião pública.

Realmente no campo afonsino não há partido, visto que as diversas camadas de conservadores e liberais são as mesmas, embora com diferentes distícos. E' devido a isso que se dá o caso de uma família o pai figurar no partido maurista, o sogro no conservador, o filho e o genro no liberal; são elementos sem ideologia, a maior parte dos quais com uma «carreira política» no partido liberal; ao cabo de alguns anos resvalam docemente para o conservador e quando chegam à senilidade ingressam no maurismo, todos eles têm chefes, mas acima de todos, venerado e respeitado pelos esbirros da monarquia e está a sinistra figura de António Maura, de trista e sinistra memória, que foi o culpado do assassinio do grande vulto Francisco Ferrer, o promotor da guerra de Marrocos e será certamente o último elemento que procurará sustentar os alicerces da farsa monárquica em colaboração com os últimos resíduos dos laics borbonicos.

A sua agitação consiste num núcleo formado por «bons senhores» que servem para tudo; haja a greve que houver, seja de natureza for, em que a classe proletária defenda, com as únicas armas que possui, o que os seus filhos há de comer, protegida por uma força armada, que são chamados «elementos de ordem».

A sua força apóia-se na «guardia civil» e o seu fim consiste em fazer calar a voz dos pensadores e a fome dos necessitados com a ponta das baionetas: mas eles são mal vistos, odiados por todo o país. Houve outros sectores que acolheram com certa simpatia o movimento militar. Já dissemos e repetimos que nada se pode esperar desses elementos nefastos que cobriram as ruas de Barcelona e os fossos de Montjuich de sangue inocente e que era um passo para trazer que a Espanha dava, admitindo a ditadura. Mas as nossas observações foram em vão e hoje vivemos sob o domínio da ignorância e do despotismo representados em Primo de Rivera.

Neste momento a Espanha está virando-se, angustiosa, para o partido republicano e socialista e para os conscientes dos seus deveres, os elementos da extrema esquerda, comunistas e anarquistas.

Qual deverá ser a posição destes elementos perante este estado de coisas? Não sou eu quem deve responder a uma pergunta destas; em ambos os campos há inteligências e penas prestigiosas que poderão orientar, mas, quanto a mim, devemos antes de tudo cooperar no derrubamento do bloco afonsino para que a Espanha se sature completamente do ambiente europeu e deixe de ser um obstáculo à marcha ascendente do progresso mundial.

JUAN ESPAÑOL.

CONFERENCIAS

«A Crise Portuguesa», pelo dr. Reis Santos

No sindicato dos empregados de escritório realizou no domingo o dr. Reis Santos a sua anunciada conferência com este tema.

Accentuando que, finalmente, as oligarquias estão agora em foco, mereça a audacia e do desmerecimento que pretendem assumir os destinos colectivos, o orador explicou a origem da sua preponderância. Após o advento do regime constitucional as oligarquias começaram o seu predomínio. Durante os cem anos que constituem o Portugal moderno esse predomínio tem-se mantido, porquanto as oligarquias têm-se adaptado a todas as transformações políticas e jogado sempre com os políticos. Assim é que o próprio regime republicano, recebido a princípio com júbilo e com esperança pelas massas exploradas, a breve trecho se viu absorvido pelas oligarquias.

O dr. sr. Reis Santos mostra depois como este estado de coisas, crise que existia latente na sociedade portuguesa, se encontrou com a crise mundial resultante da grande guerra e como assumiu, neste momento, um carácter agudo — a falta de medidas que a tentassem debelar. Demonstra, com numerosos exemplos a série de roubos e de escândalos que as oligarquias têm feito, aludindo ao jogo que têm feito com a baixa e alta cambial, com a circulação fiduciária, etc. Terminando, o conferente friza que o movimento que agora se esboça contra as oligarquias é feito pelos humildes: os intelectuais, os letrados que deviam realizar uma obra de esclarecimento que trouxesse ao movimento o máximo de consciência, não o fazem.

Veelemente surge-se contra os homens de negócio que querem mudar o país num balcão.

No final foi muito aplaudido.

«A preparação revolucionária»

A convite do Grupo de Educação Social de Palma, realiza hoje, pelas 21 horas, na Secção Sindical da construção civil de Palma, uma conferência, o camarada Henrique Rijo, sob o tema: «A preparação revolucionária».

Ler o Suplemento de A BATALHA às segundas-feiras

tamente a melhoria, foi o voto e a aplicação das leis sociais. O seguro contra a falta de trabalho, por um lado, as pensões de velhice, por outro, reduziram muito o número dos desgraçados que, antes da guerra, não tinham senão os albergues para se refugiarem. E certamente que a lei sobre o álcool teve igualmente resultados benéficos, reduzindo o número dos alienados, vagabundos, dos incapazes».

O autor do artigo em questão é um socialista belga, dos mais legalistas e moderados. E', pois, natural que diga o que diz. Mas aparece a pergunta: se as causas por ele apontadas não actuaram realmente no fe-

CONTRA O MOVIMENTO DAS «FORÇAS VIVAS»

O comício de domingo contra os planos das oligarquias

Milhares de pessoas, a convocação da Federação Nacional das Cooperativas, manifestam no Terreiro do Paço a sua disposição de não permitir que o comércio, a indústria e a agricultura continuem roubando impunemente a população do país

A população de Lisboa está nitidamente contra «as forças vivas». Sucederam-se as demonstrações da indignação de que estão possuídos todos os consumidores. Abateram-se, sem nenhuma espécie de abdicções, todas as ideias políticas, substituídas por um desejo impetuoso e forte de combater as oligarquias.

O comício de ante-ontem, no Terreiro do Paço, promovido pela Federação Nacional das Cooperativas, teve uma concorrência que, sem exagero, se pode considerar em mais de 20.000 pessoas.

Pouco depois das 15 horas, o dr. sr. Reis Santos, que presidia, secretariado por Amadeu de Moura, da U. S. O., e Martins Santarém, da Federação Municipal Socialista, expõe os fins do comício, lembrando que o momento actual não permite delongas na organização da defesa contra o premeditado assalto das chamadas «forças-vivas».

Em seguida, foi dada a palavra ao dr. sr. Andrade de Carvalho, que declara que a F. N. C. está disposta a continuar no seu movimento contra as forças económicas, movimento esse que não tem a menor sombra de política.

A sua única política é a defesa dos interesses do consumidor, há muito ameaçados. Refere-se depois ao movimento de 1 de setembro, feito pelas Juntas da Freguesia, às diligências junto do Governo e do Parlamento, no sentido de se dar remédio à carestia da vida. Tais diligências, diz, não deram resultado. O orador, elevando a voz, adverte:

«Espero que o povo, no caso de se levantar qualquer incidente, saiba meter na ordem a pessoa que tenha audácia de o fazer. Nós aqui, não tratamos de partidos, nem de políticos, nem de homens!»

Não está ali para apoiar governos, mas para defender os interesses dos ameaçados pelas «forças-vivas».

E necessário combater e todos os exploradores estabelecendo-se uma forte união de todos os explorados pois só assim se pode lutar com eficácia.

Se os industriais encerrarem as fábricas, o governo deve mobilizá-las, entregando-as aos operários

Manuel Joaquim de Sousa, delegado da C. G. T., começa por declarar aqueles que trabalham não podem estar à mercê das oligarquias financeiras que são apenas e sempre compostas de exploradores do povo. Não pode haver meios termos. As «forças vivas» é preciso aplicar-lhe o nome próprio de exploradores confesos e reincidentes. Ao governo, neste momento, cumpre meter essa malta em ordem, levando a sua acção até ao fim, em defesa dos explorados. Em face da ameaça permanente das «forças vivas» o governo não deve recuar. Caso as forças económicas fechem as portas das suas fábricas, o governo deve mobilizá-las e entregá-las aos técnicos e aos operários. A C. G. T. não abriga a ilusão de que o governo assim proceda, embora esteja convencido que este movimento popular obrigará o governo a não arrearpiar calinho. A C. G. T. vai promover em todo o país um movimento, que incite e habilite o governo a mobilizar as fábricas no caso de os industriais as fecharem.

O dr. sr. Amâncio de Alpoim começa por dizer que acima de todo o partidarismo estão os interesses do povo. Todos os que assistem a este comício são as vítimas das oligarquias. Se o povo tem o direito de falar na péssima administração do Estado e dos políticos, também tem o direito de desconfiar dos administradores de certas sociedades anónimas. As classes laboriosas não devem alhear-se do movimento em que o governo está empenhado, contra a malta das «forças vivas». Essas forças, que vivem no fausto e na grandeza, não têm o direito de falar na defesa da pátria e da república, quando pretendem matar a fome todos os portugueses. A população portuguesa tem sido explorada por essas forças, que já se arrogam o direito de governar o país. Pretende-se, neste momento, obrigar o povo trabalhador a pagar todo o luxo de que os seus exploradores estão gozando. O povo, se tem de redimir um passado de erros, fá-lo há por sua conta e não por conta dessa oligarquia económica que nos levou à triste situação que atravessamos. Com a ordem máxima, as classes populares devem mostrar que não estão dispostas a dar glórias aos seus exploradores.

«A união dos exploradores deve responder-se com a união de todos os explorados»

Segue-se no uso da palavra Rosendo José Viana, delegado da U. S. O. Diz que as classes trabalhadoras devem manter a máxima união, em face do perigo que ameaça as liberdades públicas, conquistadas com grandes esforços, vertendo-se já por vezes muito sangue não só para as garantir como para as conquistar.

Continuando, afirmou que o povo estava preparado para responder a todas as oligarquias políticas, findando por dizer que, no caso dos patrões encerrarem as fábricas, era sua opinião que os operários deviam responder-lhes com uma greve geral revolucionária.

O dr. Sobral de Campos afirma que, neste momento, é necessário fazer a frente única dos consumidores, contra aqueles que nos têm explorado, com assentimento dos governos. As forças vivas também abateram as suas bandeiras políticas, para se

nómeno, quais terão sido as suas verdadeiras causas? Relativamente ao álcool, é incontestável que depois da lei Vandervelde, se observam muitos menos casos de embriaguez.

E' por tudo isto que seria muito útil que no nosso país se soubesse bem o que se passa em matéria de criminalidade, a ver se as mesmas causas produzem os mesmos efeitos e se a ausência de certos factores justificam a opinião do socialista belga.

Seja como for, a questão é muito interessante e deveria ser estudada pelos competentes, a quem recomendo o problema.

EMILIO COSTA.

conluar melhor e mais à vontade podem explorar o povo. A essa união espúria deve responder a união dos consumidores.

António Monteiro, do partido comunista, começa por declarar que o povo não está disposto a suportar a canga de uma ditadura, feita pelas forças vivas, as mesmas que levaram o país à crítica situação económica que atravessamos. O povo deve abandonar o indiferentismo em que tem vivido, para meter na ordem essa malta de exploradores. Se os chamados conservadores se unem para esmagar as liberdades públicas, as esquerdas devem também unir-se para manter essas liberdades.

«O povo irá até às barricadas para defender a liberdade»

Júlio de Matos, delegado do comité da Internacional Vermelha, insurge-se contra as ditaduras conservadoras. O povo português não tolera as ditaduras, e a propósito, cita João Franco e Sidónio Pais. O governo deve começar por chamar à responsabilidade esses industriais que já estão encerrando as suas fábricas para provocar a crise. As forças vivas pretendem continuar a sugar o povo como o sugaram durante e após a guerra. Os trabalhadores devem neste momento abdicar das suas ideias políticas para, unidos, se oporem às tentativas de ditadura das forças vivas auxiliadas pelos maus políticos e pelos monárquicos. O povo deve mostrar que está disposto a defender a liberdade e o pão de sua família.

Artur Cardoso, da Federação Metalúrgica, incita os presentes a fazerem a boicote ao século e ao Diário de Notícias. Depois, diz que o povo deve ir até às barricadas, se for preciso, para que não vingue em Portugal uma ditadura das classes chamadas conservadoras. Se as forças vivas tentarem encerrar os estabelecimentos, o governo deve abri-los com as baionetas da força pública.

Falaram ainda João Miranda, pelas Juventudes Sindicalistas, Rodrigues Graça pela Federação das Cooperativas, Celestino de Vasconcelos, pelo Centro 5 de Outubro, Vergílio de Sousa, pela Federação Anarquista e Vergília da Silva e Maria Viegas, que aconselham os presentes a levarem as mulheres aos comícios, pois são elas quem mais sofre com a carestia da vida.

E' aprovada uma moção que propõe a formação da União dos Interesses Sociais

Por último, foi lida a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«O Povo de Lisboa, reunido em comício público, resolve reclamar perante o país: 1.º—Contra os principais culpados da grande crise económica, financeira e moral em que se debate Portugal, ou seja contra as oligarquias dirigentes das chamadas forças vivas, que têm enriquecido à custa da miséria do povo e promovido por todas as formas a especulação, o agravamento cambial, a alta dos preços, a perturbação, a crise de trabalho e a corrupção; lembrando: 2.º—Que chegou o momento de o povo travar luta decisiva contra o plano dessas oligarquias, tendente a preparar um regime de maior opressão económica e de terror político; 3.º—A necessidade de construir a União dos Interesses Sociais, sem distinção de tendências ou partidos, para se contrapor à U. L. E. ou egoístas. E declarar: 1.º—Que sejam repelidas energicamente pelas governantes as imposições e exigências da finança e oligarquias plutocráticas, obrigando-as a respeitar os interesses gerais da colectividade. 2.º—A execução rápida das obras de fomento mais importantes, a fim de acudir à crise de trabalho, e melhorar a economia do país obrigando para isso a pagar quem pode. 3.º—A mobilização das fábricas que suspendem a sua laboração, com a intervenção dos técnicos e dos sindicatos operários. 4.º—Que sejam declarados incompetíveis os lugares de parlamentar, ministro e altos funcionários da administração pública, com os de director, administrador ou agente de Bancos e Companhias. 5.º—Uma reforma agrária, estabelecendo a expropriação pura e simples dos latifúndios, em proveito de cooperativas e sindicatos de trabalhadores rurais.»

Aprovada a moção, o dr. sr. Reis Santos encerrou o comício, dizendo que o povo de Lisboa acabara de demonstrar as forças vivas estar disposto a não se deixar morrer de fome. A luta está travada: de um lado ficaram todos os exploradores, do outro os explorados. O governo, que conseguiu pôr a descoberto as baterias das forças vivas não deve recuar. No interesse do país tem de ir até ao fim. A Federação das Cooperativas está incondicionalmente ao seu lado nesta luta contra a plutocracia e alta finança. Do comício, alguma coisa saiu já: foi a União dos Interesses Sociais, que por todas as formas entrará a marcha e as manobras da U. L. E., que pretende provocar uma ditadura, com o fim de conseguir mais dinheiro sugado ao povo que produz e trabalha. Terminou com um viva ao povo consumidor, que foi delirantemente correspondido. Algum da multidão lembrou a conveniência de a comissão organizadora da União dos Interesses Sociais ficar constituída pela mesa do comício e por todos os oradores, o que foi aprovado.

Foram ainda lidas várias cartas e telegramas de diversas colectividades, dando todo o apoio ao movimento contra as forças vivas, entre elas uma do dr. sr. Magalhães Lima.

Uma manifestação à «Batalha»

Expostamente a maioria dos assistentes ao comício delibera vir saídar a Batalha. Uma manifestação organiza-se, vem ao Rossio, envereda pela rua Nova do Carmo, sob o Chafiz, em direcção ao nosso jornal. Alguns exemplares do século são queimados pelos manifestantes, por entre clamorosos protestos: contra o órgão das forças vivas.

Como o por ser domingo, se encontrassem encerradas as nossas oficinas, usaram da palavra, das janelas da construção civil, alguns camaradas nossos, cujos curtos e enérgicos

discursos foram vibrantemente aplaudidos pela multidão que se comprimiu diante deste edifício, enchendo a rua de lés a lés. Por fim assomou à varanda da Batalha o nosso camarada Carlos Maria Coelho que, em nome deste jornal, agradeceu a manifestação que acabava de lhe ser feita e apelou para os trabalhadores continuarem opondo-se aos maneios das «forças-vivas».

Os drs. srs. Andrade Saraiva, Reis Santos e sr. Martins Santarém, pela F. N. C. e mesa do comício de domingo, entregaram ontem ao presidente do governo e ministro do trabalho a moção votada.

Na próxima quinta-feira à noite reúne a mesa com todos os oradores do comício, para efectivar a frente única dos interesses sociais.

A F. N. C. enviou ao século um pedido de rectificação a várias inexactidões sobre o que se resolveu, não sendo verdade que se tenha feito a apologia do crime e apenas alguns oradores relembraram o fim trágico das ditaduras e dos ditadores.

Manipuladores de Pão
Em reunião de direcção foi resolvido realizar o maior número possível de sessões de protesto contra as manobras da União dos Interesses Económicos.

Comício em Almada
A U. S. O. de Almada promove hoje na aquela vila um comício para tratar das origens e consequências da crise de trabalho e do movimento reaccionário das «forças vivas».

Este comício realiza-se às 18 horas, fazendo-se representar a C. G. T., União e

Federação Anarquistas e Federação das Juventudes Sindicalistas.

Um protesto

A comissão política do partido democrático da freguesia do Socorro aprovou uma moção de protesto contra a escravidão económica que flagela o povo e perturba a harmonia social e contra a exploração exercida pelas «forças vivas».

Vai realizar-se um comício em Cascais

Com grande concorrência reuniu em assembleia geral a classe da C. Civil de Tires no sábado p. passado.

Antes da ordem dos trabalhos falaram José Paulino, Artur Moreira Sabido, José Casquilho, Pedro Duruana e Avelino Pindaro, que se referiram às pretensões das «forças vivas», sendo unânimes em protestar contra a tentativa de uma ditadura que seria um perigo para a classe trabalhadora pois em breve desapareceriam as poucas regalias que a custa de muitos sacrifícios foram alcançadas.

Foi votada uma moção concluindo por: 1.º Dar todo o apoio ao movimento que a C. G. T. está iniciando;

2.º Convocar um comício público em Cascais de acordo com os restantes organismos do concelho devendo desde já iniciar-se uma intensa propaganda para tal fim.

Para levar à prática estas resoluções foi nomeada uma comissão.

Em Torres Novas

TORRES NOVAS, 7.—E' animador o ambiente de revolta existente nesta localidade contra as pretensões das «forças vivas».—C.

Hospitais Cíveis

A admissão de presos doentes

Da Direcção Geral dos Hospitais Cíveis recebemos o seguinte officio:

«Sr. Director.—Com respeito a internamento de presos nos Hospitais Cíveis de Lisboa enviados pelas autoridades, peço a V. Ex.ª a publicação do seguinte esclarecimento, o que antecipadamente agradeço:

Do Limoeiro foram mandados para o Hospital de São José dois doentes, um, de nome Filipe José da Costa, portador de osteíte da tibia, outro de nome Alfredo dos Santos, portador de osteíte supurada do ante-braco.

Alfredo dos Santos foi visto pelo próprio director geral dos Hospitais que reconhecendo a necessidade, mas não urgência, uma operação cirúrgica, disse ao doente que voltasse à hora da admissão.

Filipe José da Costa foi visto no Banco e a Direcção dos Hospitais informada de que o doente não carecia de tratamento que se podia fazer na enfermaria do Limoeiro. Confrontando-se com este parecer o Director Geral dos Hospitais não autorizou a admissão.

Além destes presos vieram também: João Monteiro que foi admitido para a enfermaria de São Francisco.

Américo de Campos, que está admitido, mas não foi internado por não haver ainda cama vaga no Hospital do Rego.

António do Carmo que foi internado no Hospital do Rego.

Direcção Geral dos Hospitais Cíveis de Lisboa, 7 de Fevereiro de 1925.—O Director Geral, João Pais de Vasconcelos.

No Banco do Hospital de São José, vindos da Cadeia do Limoeiro deram entrada os reclusos, Américo de Campos, de 35 anos, natural de Loures, servente de pedreiro e Alexandre Ferreira Ribas de 48 anos, comerciante. Depois de observados pelo cirurgião de serviço, o primeiro recolheu ao Hospital do Rego e o segundo à enfermaria de São Francisco da de São José.

MOLA REAL

Reaparece, sábado, 14, no teatro Apolo na espectacular revista «Mola Real», a interessante actriz Elisa Santos.

DESPORTOS

FUTEBOL

Campeonatos oficiais

Jogaram-se no passado domingo mais dois desafios do campeonato de futebol. Bateria-se: o Sporting com os Belenenses e o Imperio com o Portugal. Neste último jogo coube a vitória, pela primeira vez nesta época, ao Portugal por 1-0, resultado do seu jogo mais homogéneo e do mau jogo do Imperio, cuja forma está deixando muito a desejar. A única bola do Portugal foi marcada na primeira parte.

No jogo que se seguiu saiu vencedor o Sporting também por 1-0. Esta bola foi marcada na segunda parte, pelo meia direito, num pontapé fulminante. O jogo foi bastante enérgico, roçando pela violência por vezes, pertencendo a vantagem na boa condução do jogo ao grupo vencedor. Várias vezes foram desperdiçadas ocasiões de marcar, especialmente por parte dos Belenenses. Um empate seria o resultado mais lógico e o único que satisfaria. Com o resultado constatado o Sporting achou-se com a primeira classificação com o total de 9 pontos.—K.

Categorias inferiores

O Benfica venceu em 2.ª categoria o Vitória por 6-4. A primeira parte terminou com o resultado de 4-1 a favor do Benfica, chegando-se depois ao resultado de 4-4. O Sporting empatou em 3.ª categoria com os Belenenses por 3-3.

INCENDIO

Pouco depois das 20 horas, declarou-se incêndio com intensidade na loja de habitação de rua São João da Mata, 66, residência de Joaquim da Encarnação. O fogo teve começo em lenha causado por fúria de fogareiro, passando à mobília, tecidos e paredes.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS NO TRINDADE

As últimas récita da Companhia francesa

A Companhia francesa da Port de Saint-Martin que a estas horas deve ter feito já a sua estreia no Porto, deu em últimos espectáculos no Trindade «L'ami Fritz» de Edmond Rostand e «Les romanesques» de Edmond Rostand. E agora que esse grupo de artistas já saiu de Lisboa e certamente desolados pela indiferença com que foi acolhido, não é descabido que acentuemos a atitude que o público de Lisboa que frequenta teatro tomou mais uma vez perante companhias estrangeiras que merecem um pouco de mais atenção.

A Pierre Magnier e André Pascal, sucedem precisamente o que já se havia dado com a esplendida companhia italiana de Vera Vergani, com Robine e Alexandre, com Lea Candini e outros que têm passado por esta cidade incompreensíveis nas suas manifestações de sentimento artístico. Ao passo que isto se dá enchem-se os teatros para ouvir completistas e espectadores de revistas pornográficas.

Não pertencemos ao número das pessoas a quem incondicionalmente agradou a Companhia Saint-Martin, mas não podemos deixar de reconhecer o incontestável valor de André Pascal, actriz que começa com belos auspícios, e Pierre Maguier, actor correctíssimo, cuja reputação fica devidamente assegurada por todas as cenas por onde tem passado. E se nem em todas as peças os seus trabalhos ressaltaram, alguns houve como «Mademoiselle Josette ma femme», «L'amour» e «Le maître des forges» que foram de natureza a não deixar dúvidas sobre a categoria das duas primeiras figuras da Companhia. Onde em nosso entender falhou um tanto a interpretação dos dois co-actores foi precisamente na obra de Rostand «L'aglion», «Les romanesques», «Cyano de Bergeret». Não basta ser-se artista, é indispensável possuir-se um sentimento próprio de música de palavras que nem sempre as grandes qualidades dum artista conseguem vencer. Quasi é possível afirmar-se que o actor ou actriz que interpretam Rostand somente o poderão fazer limitando-se a esse autor e não saindo para outra região de lirismo teatral que não enquadre na vibratibilidade estética que aos autores do «Chantecler» quasi se forma inconfundível.

Estas considerações adiantam o que poderíamos dizer sobre «Les romanesques». Quanto a «L'ami Fritz» já é difícil actualmente entreter e convencer espiritualmente ou o público que ama as trivialidades descompostas ou o que procura no teatro qualquer finalidade doutrinária ou estética.

NOGUEIRA DE BRITO

Orquestra Sinfónica de Lisboa

Concerto de música italiana — O maestro Alceo Toni

Marcou, num sentido vincadamente artístico e educativo, o concerto que a Orquestra Sinfónica de Lisboa executou no Politeama, sob a regência do maestro italiano Alceo Toni.

Organização cheia de nervosismo, veemente de atitudes, mas pautado de direcção, o músico italiano, que as principais cidades do seu país conhecem e consideram, apresentou um programa sabiamente composto em que havia a oportunidade de apreciar a distância que vai desde os velhos compositores italianos do século XVI até aos moderníssimos que, como «Pratella Respighi e Pizzetti, constituem a arrojada falange dos músicos contemporâneos que na Itália imprimiram as suas produções uma directriz de descritivo a que não falta minúcia, colorido e movimento.

O modernismo musical francês e italiano caminham, pode-se dizer, a par, mas o que é «sobremaneira notável é o carácter accentuadamente pessoal e nacional que em ambos os lados se acusa e que tende exclusivamente a reflectir as tendências quando engastador na maneira de ser social-ético.

A corrente melódica italiana desenvolve-se primitivamente na forma simples da frase a suceder-se numa concatenação espontânea que não admite desvirtuamentos de inspiração. A corrente melódica francesa desliza num artificialismo mais rebuscado, por isso mesmo menos sincero. Daí Pizzetti e Respighi não deixarem de evocar e seguir o sentido primitivo por entre o arrojado das suas obras. E' o que se dá também na corrente moderna espanhola com Falla, Granador e Aleniz.

Com o nosso louvor pela iniciativa de Fernandes Fão, dando este esplêndido concerto que nos deixou tão bem impressionados, queremos pedir, e de harmonia com as considerações que fizemos, que seja organizado um programa em que fique bem marcada a orientação dos modernistas de Espanha, Itália e França, ocupando as três partes desse concerto com obras dos músicos que em cada um destes países representam a feição modernista.

Seria possível?

N. B.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — às 21 (9 da noite) — HOJE

Últimos espectáculos Últimos

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

2.ª apresentação dos notáveis melobaristas

Los Angeles

que ontem, no sua estreia, obtiveram grande sucesso

Sempre novidades Sempre atracções

CARNAVAL DE 1925

A assinatura de camaratas para os quatro dias carnavalescos termina no próximo dia 12

CARNAVAL

Domingo, inaugura o Nacional os seus espectáculos carnavalescos, seguidos de um triunfal baile «masqué», abrilhantado por duas bandas de música, em cujo repertório se salientam alguns bulgões «fox-trots», colcantes «tangos» e melodias «maxixes».

MARCO POSTAL
Vale de Figueira. — Ass. dos Rurais. — Recebemos 9850 ficou pago até 1 de Março.
Pôrto. — A. C. — Segue carta com guia do cupão de ferro.
Sard. — J. Alcázar. — Recebemos carta, esperamos envio da importância indicada.
Dinhel. — M. J. Silva. — F. demasiado a demora no envio da liquidação dos recibos que lhe enviamos para cobrança, o que provocou um atraso aos respectivos assinares levando-nos a servir-nos do correio para a cobrança dos meses seguintes, certos que os que ali estão se encontram cobrados.
Gabinete-Belins. — J. Alcázar. — Recebemos 2850. Ficou pago até Novembro.
Sard. — Manuel Monteiro. — Recebemos um vale de correio sem indicação para que se destina.
São Tiago do Cacém. — A. G. Carapinha. — Os 19500 recibos pagou a vossa assinatura até 31 de Dezembro.
Albuleira. — P. C. R. — Assinatura paga até 6 de Fevereiro.
Belins. — A. C. — Recebido 163555; para municípios 100557; assinatura de M. R. 50555 ficando pago até 15 de Dezembro p. p. e 6578 para livros.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,42
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,28
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	1	8	15	22	O. C. da 8 às 9,10
S.	2	9	16	23	O. M. " 23 " 10,11
T.	3	10	17	24	L. N. " 28 " 3,46

MARES DE HOJE
Praia de Faro às 4,02 e às 4,18
Baixamar às 9,32 e às 9,58

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Londres, 10 dias de vista.	9850	9850
Londres, cheque	9850	9850
Paris	1211	1212
Suiza	1211	1212
Polónia	1211	1212
Itália	1211	1212
Holanda	1211	1212
Madrid	1211	1212
New York	1211	1212
Brasil	1211	1212
Noruega	1211	1212
Suecia	1211	1212
Dinamarca	1211	1212
Praga	1211	1212
Buenos Aires	1211	1212
Viena (1000 coras)	1211	1212
Kentmarks ouro	1211	1212
Agio do ouro 1/2	1211	1212
Libras ouro	1211	1212

ESPECTACULOS
TEATROS
São Luís — A's 21 — La Argentina.
Facinoroso — A's 21 — Dick.
Felicidade — A's 21 — Mulher Nuas.
Ritmo — A's 21 — La Bayadere.
Fenitida — A's 21 — Ave-Marias.
Eden — A's 21 — O Bolo Rei.
Mário Vitoria — A's 20, 22 e 23 — Rés-Vés.
Cetiseu dos Reclamos — A's 21 — Companhia de circo.
Santo Tró — A's 20, 22 e 23 — Variedades.
F. Vicente (a Graça) — A's 21 — O Cabo Simões.
Fenitida Parque — Todas as noites — Concertos e divertimentos.
CINEMAS
Olimpia — Chiado Terrace — Sálvio Central — Cinema
Candes — Sálvio Ideal — Sálvio Lisboa — Sociedade Pro-
motora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Es-
trangeira — Chantecier — Tivoli — Tortoise.

FABRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

MENINAS
e todas as donas de casa
que desejem mudar os seus vestidos de cor
escura para mais clara, podem fazê-lo com-
prando um tubo do famoso **DESCORANTE**
"Lipsia" tingindo-o depois na cor que
desejarem com as anilinas "WIKI-WIKI".
Cada tubo indica em português a ma-
neira de se usar.
Este **DESCORANTE**, assim como as ani-
linas "WIKI-WIKI", encontram-se à venda
em todas as boas drogarias de Portugal e
no depósito geral:
Rua da Madalena, 113, 2.º
TELEFONE C. 5507
Sampaio & Rodrigues

LER E ASSINAR
Os Mistérios do Povo

DURANTE ALGUNS DIAS
Grande liquidação por
motivo de balanço
20 0/0
de desconto em todo o nosso sortido
de fazendas para fatos, sobretudos,
vestidos e casacos.
Esplêndidas fazendas para
fatos aos preços seguintes:
(preços sem descontos)
19\$500 32\$50
25\$00 37\$50
28\$00 39\$50
Visitem os depósitos dos
fabricantes da Covilhã
DONAS & C. A
EM LISBOA:
Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º
Pedimos a máxima atenção para os
números dos nossos depósitos.
NO PORTO:
Rua Fernandes Tomás, 392 A

CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL
Encarrega-se da execução de
todos os trabalhos que digam res-
peito à sua indústria, tais como:
edificações, reparações, limpe-
zas, construção de fornos em to-
dos os géneros, jazigos em todos
os géneros, fogões de sala, xa-
drês, frentes para estabelecimentos
e todos os trabalhos em cantarias
e mármore de todas as prove-
niências.
Telefone, C. 5339
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A, 2.º

"HERPETOL"
—) Dá um (—
Alívio instantâneo



SOFRE DE COMIÇÃO provocada pelo ECZEMA
e outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas
gotas de "HERPETOL" fará desaparecer rapidamente
a comição.
O "HERPETOL" CURA. A atestação temos os in-
úmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no
mercado este medicamento, que tem realizado CURAS
MARAVILHOSAS. A acção do "HERPETOL" é
muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes
que se encontram nos tecidos, os quais são a causa
de todo o mal. É de um maravilhoso efeito para
limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MOR-
DEDURAS DE INSECTOS, ECZEMAS HUMIDO E
SECO e CROSTAS DURAS.
Não hesite e compre um frasco de "HERPETOL" o
melhor remédio que até hoje apareceu.
A venda nas principais farmácias e nos depósitos,
em Lisboa, Rua da Prata, 27, 2.º.

A venda na administração de "A Batalha"
A Anarquia e a Igreja, por Eli-
seu Reclus, com uma gravura e
biografia do autor. 1\$00

FATOS COMPLETOS
E SOBRETUDOS
em boas fazendas de lá
com bons forros desde **169\$00**
IMPREMIÁVEIS INGLESES com dinto e lapuz, desde 169\$00
CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00
CALÇAS desde 40\$00
ABATIMENTOS PARA REVENDA
O CHAVES DO CONDE BARÃO
170, RUA DA BOAVISTA, 172

CALÇADO
A sapataria do Calhariz
a 25\$00 grande lote de sapatos calf preto, fôrma brôa, cujo valor
em verniz, abotinados, salto Luis é de 70\$00.
XV.
a 75\$00 botas em calf, preto, cotados, para senhora, cujo valor
fôrma da moda, 2 gáspas e 2 so-
las corridas, cujo valor é de 100\$00.
a 30\$00 sapatos de verniz aboti-
nados e c. IX, para senhora, cujo
valor é de 60\$00.
a 55\$00 sapatos de calf côr da
moda, cujo valor é de 80\$00.
a 59\$50 grande lote de botas, sola.
a 60\$00 sapatos de verniz, de
côr, fôrma da moda, 2 so-
las corridas, cujo valor é de 90\$00.
a 30\$00 grande lote de sapa-
tos, calf côr, para senhora, aboti-
nados e c. IX, salto de pau e de
sola.
Desde 6\$00 sapatos para criança
FOOT-BALL
Esta casa, vende botas e bolas, muito mais baratas
que qualquer outra casa
33, LARGO DO CALHARIZ, 33

Valério, Lopes & Ferreira, L.
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para caldeiras,
— guarnições para móveis —
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
84, R. DO AMPARO, 86 — LISBOA — TELE (fone, 3930, N. gramas, FERRAGENS)

REUMATISMO
Sifilítico, Blenorragico, Gotoso,
Articular, Artrítico, Muscular
"Reumatina"
24 horas depois não tem mais dores
"Reumatina"
E' inofensiva porque não exige dieta
Preço 8\$00
"Reumatina"
Vende-se em todas as boas
— farmácias e drogarias —
Pó Anti-blenorrágico
E' o mais poderoso combatente das blen-
orragias crónicas e recentes. Resultados
imediatos e comprovados pelo distinto mé-
dico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.
Caixa 10\$00
Depósito Geral:
A. Costa Coelho
Bomjardim, 440 — PORTO
LIMAS
As melhoras
as da União.
Tomé Feteiras,
Vieira de Leiria —
Pedir em todas as
lojas de ferragens.
Em preços e tem-
peratura com o
melhores mar-
cas inglesas.
MARCAS REGISTRADAS
Pedidos aos nossos Representantes e Depo-
sitários em Lisboa srs. Ferreira & C., Lda, Ca-
da do Marquês de Abrantes, 136 — Telef. C. 1592

BAIXA DE PREÇOS
CAMARADAS !!
NO N.º 60
da rua do Marquês de Alegrete, vende-
-se toda a existência de calçado a pre-
ços convidativos, por motivo de obras
CAMARADAS! VÃO VÊR

Serviço de livreria de A BATALHA
FOLHETOS
Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja 1\$00
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura 50
José Prat. — A burguezia e o proletariado 50
Content. — Contra o confusãoismo, Alfredo Neves Dias. — Razão (poemo social) 30
Landauer. — Social Democracia 30
R. Meis. — O principio do fim 30
A. Maçonaria e o proletariado 30
J. Most. — Peste religiosa 50
J. Rio
Trovas da noite 1\$00
Definições sociais 50
Contos dum revoltado 1\$00
Roberto o Pescador 1\$00
Carnet de Pensamento 20
Bakunine. — No sentido em que so-
mos anarquistas 50
Chueca. — Como não ser anarquista. B. Lazare. — A Liberdade 50
J. Etrevani. — A minha defesa 50
Kropotkin
A mocidade 50
Os bastidores da guerra 50
Moral anarquista 50
J. Guedes. — Lei dos Salários 50
Briand. — A greve geral 50
Roland. — Rússia Nova 50
... O sindicalismo e os intelectuais D. Carvalho. — A gestão sindical no período revolucionário 50
A. Hamon. — A crise do socialismo 1\$00
J. Santos. — A transformação da so-
ciedade 50
Veno Vasco
Georgicas 30
Greve de inquilinos, teatro 30
Domela. — Patria e Humanidade 30
... Proletariado Histórico 1\$00
REVISTAS
Escola Nova, da Ass. dos Profes-
sores de Portugal 1\$00
La Revista Blanca, em espanhol 1\$00
Renovação, vários tomos 50
EM ESPANHOL
Rodolfo Rocher
Artistas y Rebeldes 13\$00
Bolshevismo y anarquismo 1\$50
... La Crisis del anarquismo 1\$50
José Torralba — La Revolucion 1\$50
Lelio O. Zeno. — Problemas universi-
tários 2\$00
La Revista Blanca — Arte, Ciencia e
Literatura. Cada número 2\$00

Anilinas Jacobus
A melhor maneira de resistir à
alta de preços dos artigos de ves-
tuário, é tingir os fatos e os vesti-
dos com as célebres anilinas JACOBUS, únicas que se podem
aplicar com justificada confiança.
Todos as preferem por serem as
melhores do mundo. Com uma
despeza insignificante fica-se com
um traje novo, sem ser necessário
pagar ao tintureiro preços exorbi-
tantes.
A venda em todas as boas dro-
garias do continente e ilhas.
DEPOSITO GERAL só por ata-
cado: Sociedade Produtos Quími-
cos, Limitada, Campo das Cebolas,
43, 1.º — Lisboa.

FOTOGRAVURA
TRICROMIA
ZINCOGRAFIA
DESENHO
GRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E
MEDALHA DE OURO
LISBOA 1913
PREMIO DE HONRA
LEIPZIG 1914
OFICINA FOTOMECANICA
Largo do Conde Barão - 49
LISBOA
TELEFONE
2554
C

Menstruação
Aparece rapidamente
tomando o
FERREOL
Caixa 15\$00. Pelo Correio 16\$00
R. da Escola Politécnica 16 e 18
LISBOA

Calçado
MAIS BARATO QUE UM GASPIADO
Botas e sapatos para homem, senhora
criança em todos os tamanhos e qualidade.
Todos os operários devem preferir esta
casa.
Sapataria Brasil
Rua da Madalena, 206 a 208

Policlinica da Rua do Jardim
do Tabaco, 90
Dr. Alberto Gomes, Cirurgião dos Hospitais — Ope-
rações, às 3 horas.
Dr. Alfredo da Fonseca, Assist. da Fac. de Med. —
Doenças dos olhos, às 2 horas.
Dr. António de Almeida, Ex-Ass. do Oscar Hebe-
lein em Berlim — Ortopedia (Deformidades e paralisias
em crianças e adultos. Tuberculose dos ossos). Fisi-
oterapia (Electricidade, massagem, luz, etc), às 3 horas.
Dr. Bartol Camacho, Assist. da Fac. de Med. — Clí-
nica geral. Doenças nervosas, às 3 horas.
Dr. Cascaes de Fátima, Ass. da Fac. de Med. — Ex-
Ass. do Prof. Strauss em Berlim — Medicina geral.
Doenças do estomago, intestinos e fígado. Endoscopia.
Dietética, às 2 horas.
Dr. Eufreynio Teixeira, Ass. da Fac. de Med. —
Doenças das senhoras, 4 horas.
Dr. Francisco Martins, Ass. Livre da Fac. de Med. —
Doenças das crianças às 3 horas.
Dr. Moraes Cardoso, Ex-Ass. do Prof. Jaldacovich
em Breslau — Doenças da pele e sifilis, às 2 horas.
Dr. Morais Martins, Ass. Livre da Fac. de Med. — Corações,
pulmões. Clínica geral, às 4 horas.
Dr. Renato Araújo, Monitor do Hosp. Necesser em
Paris — Doenças dos rins e vias urinárias, às 4 horas.
Prof. March Rittius, da Fac. de Med. — Análises clínicas.
Dr. Helena Calado, (Chefe de Lab.) — Análises clínicas.
na Fac. de Med.
Dr. Benedito Gomes, Director de Radiologia no Hosp.
Esclaf. — Raios X. Rádio.

10-2-1925 OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 362

bre ao longe o país, está assente sobre três andares
de masmorras subterrâneas, rodeadas de um profundo
fosso cheio de água. Está torre parece elevar-se do
mesmo modo do meio de um poço gigantesco onde se
acha sepultada grande parte desta construção massiça,
elevando-se a sua parte superior por cima do fosso,
sobre o qual se abaxa uma ponte levadiça; quando
ela se ergue por meio de correntes, defende e reforça
a porta da torre; raras e estreitas janelas, irregular-
mente abertas nas suas quatro paredes e quasi tão
estreitas como seteiras, davam uma claridade tene-
brosa aos diversos andares e ao rez do chão. A pedra
de todos estes edifícios, enegrecida pelas intempéries
do ar, tornava ainda mais sinistro o aspecto da fortale-
za.
O filho de Joel! quantos suores, quantas lágrimas,
quanto sangue não custou aos vilões e aos servos da
nossa raça a construção destes grandes covis senho-
riais ou destas imensas catedrais, que cobre hoje o
terreno da Gália! Muitas gerações de servos, traba-
lhando debaixo do chicote, desde o amanhecer até à
noite, bastaram apenas para elevar, para completar o
terrível castelo forte de Néroweg VI, senhor de Plou-
nel! Pobres infelizes! Foi-lhes mister escavar a rocha
viva com a picareta ou com o macho de ferro, trans-
portar, às costas de homem, desde a base até ao fas-
tigio da montanha, cada pedra do imenso edificio, e
quantos infelizes, esmagados pelo labôr, não morre-
ram de trabalho! quantos mutilados ou mortos debaixo
das pedras! quantos despenhados na sua queda ao
fundo de abismos desconhecidos! Quantos torturados,
mortos, por ordem do senhor quando as forças desfa-
lecidas dos trabalhadores não correspondiam à sua fe-
roz impaciência! Nobres senhores! ricos abades! orgu-
lhosos prelados! são bem altas as torres dos seus cas-
teles, das tuas catedrais, das tuas abadias! são bem
profundos os fossos que as rodeiam!... e todavia, se
ali metessem os ossos dos nossos avós mortos de fi-
diga, se tivessem recolhido os seus suores, as suas
lágrimas, o seu sangue... esses suores, essas lágrí-

mas, esse sangue encheriam os teus fossos mais pro-
fundos! Esses ossos amontoados excederiam as mais
altas torres dos teus castelos, das tuas abadias, das
tuas catedrais!...
Oh! se alguma vez chegar o grande dia de liberta-
ção! esse grande dia das santas e terríveis represá-
lias, prognosticado pela grande Vitória! filhos da an-
tiga Gália, então libertada do jugo dos reis franceses
e da Igreja de Roma, filhos de Joel, não deixem pe-
dra sobre pedra nesses execrands monumentos eleva-
dos pelos nossos braços, amassados e cimentados com
o nosso sangue!
Uma estreita escada de caracol de pedra, conduzia
das profundidades das masmorras subterrâneas à pla-
taforma que coroava a torre fortificada da mansão de
Plouernel. Os homens de armas os mais afoitos, quando
às horas de sentinela, subiam à plataforma ou des-
ciam dela, nunca deixavam como bons catolicos de se
persignarem, ao passarem por defronte da porta de
uma casinha situada no ultimo andar da torre forti-
ficada, à qual ficava anexa uma das torrinhas construí-
das nos quatro ângulos da plataforma; porque muitas
vezes, de noite, a estreita janela desta torrinha pare-
cia interiormente alumada, ora de côr vermelha en-
sanguentada, ora esverdeada; atribuíam estas clari-
des sinistras aos sortilégios de Azenor a Descorada,
concubina de Néroweg VI.
Néroweg VI tinha acumulado no quarto da sua
amante os objectos mais preciosos, produto dos seus
roubos. Uma abertura oculta por uma cortina de pur-
pura com franjas de ouro, dava entrada para uma tor-
rinha, cuja parte superior, forrada ao nível da plata-
forma, servia de guarita à sentinela. Azenor a Descor-
rada, de idade de vinte e cinco anos, era de uma for-
matura completa, o seu rosto macilento e branco nunca
corava e os lábios, em lugar de serem vermelhos, ti-
nham a fria brancura da sua pele; daqui provinha o
apelido que lhe tinham dado. Um turbante de rico

estôfo de sêda côr de purpura moldurava o rosto da
feiteira, descobria as suas tranças de cabelos pretos
leucias aos das sobranceiras e dos olhos. A sua túnica
de pano prateado, mal lhe cobria os ombros; o seio
e os braços, eram dignos de figurar ao pé dessa bela
estatua grega que sobrevivera aos séculos, e que se
admira ainda, segundo dizem, no palácio dos duques
da Aquitania; a túnica de Azenor chegando-lhe somente
até aos joelhos, deixava ver, por debaixo das suas do-
bras prateadas, a fimbria do vestido côr de purpura
como o turbante; essa mulher ocupava-se neste mo-
mento, em moldar, por meio de pedações de cera ma-
leavel, duas figurinhas iguais à que naquela mesma
manhã tinham metido entre os dentes de Pedrinha a
Cabra no momento da sua agonia; uma destas bone-
cas tinha as vestes de um bispo, a outra vestia uma
espécie de armadura simulada em estôfo pardacento,
tendo pouco mais ou menos a côr do ferro.
Azenor a Descorada, crayava um certo número de
agulhas, dispostas em ordem cabalistica, no lado esquer-
do do peito destas duas bonecas, quando se abriu no
exterior, a porta do cubiculo do qual a feiteira não
podia sair senão de noite a passear na plataforma do
castelo. Néroweg VI entrou no quarto da sua amante
e tornou a fechar cuidadosamente a porta.
O conde de Plouernel alcunhado Peor que um lobo
com cinquenta anos de idade, e de uma estatura atle-
tica, parecia ainda cheio de vigor; os seus distintivos
não se pareciam em coisa alguma com os do seu an-
tepassado o conde de Néroweg, leuda de Clovis, ou
com os de Néroweg o Aguiá Terrível, desse chefe
selvagem de uma tribo franca. Os cabelos ruivos de
Néroweg VI, já grisalhos em lugar de lhe flutuarem
sobre os ombros como uma cauda de cavalo, eram
cortados rentes das fontes e do cráneo, depois caíam-
-lhe em redondo no pescoço e ao comprido das ore-
lhas; a gente de guerra deste tempo rapava a parte
dianteria da cabeça, afim de que os cabelos não os
incomodassem debaixo do capacete e não saíssem fora
da viseira. Em lugar de conservar somente compridos

bigodes, bem como os seus antepassados dos primi-
tos tempos da conquista, Néroweg VI deixara crescer
as barbas misturadas de cabelos pretos; elas lhe mol-
duravam o rosto feroz, de nariz recurvado e de so-
brancelhas que se reuniam por cima de olhos de fal-
cão redondos e pepetrantes. Esperando ser atacado no
seu covil, sempre pronto a guerrear contra os seus
visinhos ou contra certos bandos de viajantes que, so-
bretudo, mas raras vezes, tentavam opôr-se pela força
aos roubos dos castelões, o senhor de Plouernel, arma-
do desde pela manhã até à noite, trazia um capacete
que tirou ao entrar no quarto da sua amante; o seu
casaco e as suas polainas de bufalo desapareciam de-
baixo de uma coiraça ou túnica de malhas de ferro,
apertada por um cinturão de couro donde pendiam
duas espadas, a mais curta à direita e a mais comprida
à esquerda. Esta armadura, guarnecendo-lhe os bra-
ços até à altura das manoplas, caia-lhe um pouco aci-
ma dos joelhos, defendidos bem como as pernas, por
meio das chapas de ferro guarnecidas de correias. As
feições de Néroweg VI traíam uma sombria opressão;
Azenor a Descorada, continuando a cravar as agulhas
no lado direito da figurinha de cera, murmurou algu-
mas palavras em lingua estranha, e não pareceu dar
pela presença do conde. Este aproximou-se vagarosa-
mente e disse com voz surda:
— O teu filtro está pronto?
A feiteira, sem responder coisa alguma, conti-
nuou as suas operações mágicas, depois, mostrando a
Néroweg as duas figurinhas representando um bispo
e um guerreiro, respondeu:
— Quais são os inimigos que tu temes e aborreces
mais?
— Bem o sabes: é o bispo de Nantes, e Draco, se-
nhor de Castel-Redon.
— Montem fiz uma figurinha igual a esta; seria ela
segundo as minhas ordens, colocada entre os dentes
de um enforcado no momento em que soltava o últi-
mo suspiro?
— Tudo foi executado.



CARTA DO PORTO

Moral dum 'socialista'

Uma cooperativa que atraíra os seus fins, prejudicando os sócios

Existe nesta invicta cidade uma Cooperativa dos Carpinteiros Portugueses, sociedade anónima de responsabilidade limitada esta que deve contar uns vinte e seis anos de actividade.

Como todas as Cooperativas, a dos carpinteiros portugueses tem uns estatutos, cujo artigo 15.º prescreve, entre outros, o direito dos sócios serem admitidos a trabalhar nas oficinas da sociedade.

«Só em casos muito excepcionais, segundo reza a letra do § 1.º daquele referido artigo, poderão ser admitidos a trabalhar nas oficinas ou exercer qualquer emprego na sociedade indivíduos que não sejam sócios efectivos.»

Segundo, porém, um nosso informador, que nos forneceu um exemplar dos estatutos — em que nos baseamos, o gerente da colectividade produtora, Costa Pereira — por sinal socialista — está estragando a carta orgânica da Cooperativa, como os políticos, senhores do poder, costumam estragar a Constituição.

Procede desta forma por uma questão de subserviência e de interesse mercantilista da sociedade anónima da rua do Bom Jardim.

Como a crise de trabalho infelizmente também atingiu a classe dos carpinteiros, o tal gerente «socialista» Costa Pereira tem despedido sócios sindicados da Cooperativa. Todavia, ficou a trabalhar com pessoal não sindicalizado nem associado na Cooperativa... porque este pessoal foi admitido a pedido dos srs. Borges & Irmão.

Era de boa justiça, de boa moral, de bons princípios cooperativistas e sindicais, que o sr. Costa Pereira pusesse em prática a inversa, isto é: que fosse, visto que as circunstâncias assim o impunham, dispensando os não sindicados e não sócios da Cooperativa, cumprindo assim o determinado nos estatutos e respectivo regulamento.

Mas como os srs. Borges & Irmão são uns grandes clientes da casa... cooperativista, e como esses clientes se não se fizesse o contrário, dariam os seus serviços a outra empresa industrial — o gerente Costa claudicou perante aquela potente firma, em detrimento da razão, dos princípios, dos direitos adquiridos, dos sócios da Cooperativa.

Claudicando o gerente, fez com que claudicasse, ipso facto, a sociedade que representa.

O 'socialista' Costa procura esquivar-se às responsabilidades

Por isso o caso causou reparos. E ao que consta, a nova direcção convidou o gerente a dar explicações do seu procedimento. Devido ao que o «socialista» Costa se esforça por conseguir uma *claque* a fim de ter, na assembleia geral que se deve realizar, cremos, na terça-feira para tratar de tal extranho caso, uma maioria que o desculpe, que o absolva das suas faltas tão comprometedoras para o bom nome da Cooperativa de produção dos operários carpinteiros portugueses.

O n.º 2.º do artigo 29.º dos estatutos preestabelece que a comissão executiva, ou direcção, compete «cumprir e fazer cumprir o estatuto, regulamentos e resoluções da assembleia geral». Logo, a comissão executiva devia, e deve, ser mais enérgica neste caso, salvo se quer se cumplice na vergonha apontada.

Então pôde lá admitir-se que uma sociedade cooperativa operária não prefira sindicatos e sócios da própria colectividade? A's pressões em contrário, deve-se responder com alívio. Os clientes ameaçam abandonar a casa? E preferível morrer de pé e com honra, do que viver rastejando.

No entanto, está-se dando o último caso, tendo-se cometido o erro de se permitir que nas obras da Cooperativa em foco trabalhem indivíduos que não são sindicados. Nem admira, porque alguns membros da mesma Cooperativa nunca mais se sindicaram desde que a antiga Associação de Classe dos Carpinteiros se fusionou no Sindicato Único da Construção Civil.

A cultura técnica e intelectual dos sócios opõe-se a sanha mercantilista

Um dos fins da «Sociedade cooperativa de produção dos operários carpinteiros portugueses» era, conforme o indica o artigo 2.º dos estatutos, «estabelecer também com uma percentagem sobre os lucros líquidos, escolas de instrução, desenho, gabinete de leitura com biblioteca; realizar palestras e conferências sobre assuntos técnicos, económicos e sociais para instrução e educação dos sócios».

Nos termos visto o salão da Cooperativa transformado num verdadeiro antro de exploração. Mas quanto a escolas de instrução e de desenho, de gabinete de leitura, de biblioteca, de palestras e conferências, é que, com franqueza, pouco, nada temos observado — a pesar dos seus 26 anos de existência industrial e exploratória.

Aos sócios cabe toda a responsabilidade: se eles tivessem menos espírito mercantilista e mais critério ideológico e revolucionário, certamente as cousas da Cooperativa correriam e não deixariam criar possíveis filhos. É verdade que a classe está um pouco efervescente em face do procedimento acima apontado. Oxalá que essa efervescência seja o início de um ressurgimento que a leve a verdadeira compreensão da luta de classes, deixando a perigosa vereda de um mercantilismo idêntico ao exercido pela burguesia.

Porto, 8 de fevereiro de 1925.

C. V. S.

Edições SPARTACUS

O Amor é a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2\$50.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. (Desconto aos revendedores).

LEDE E PROPAGAI

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NA AMERICA DO NORTE

Greve nas fábricas de botões em Nova York

Encontram-se em greve, em Nova York, os empregados das fábricas de botões, em sinal de protesto contra a violação por parte dos industriais, do contrato feito com a sua associação de classe. Praticamente estão todas as fábricas fechadas.

O custo da vida subindo

Segundo um relatório do «Bureau» de estatística operária, o custo da vida, referente aos preços, a retalho de 22 dos alimentos mais usados pela população da América do Norte, aumentou de 1,3 0/0 durante o mês de outubro de 1924.

Em relação ao mês de outubro de 1923 o aumento foi de 43,2 0/0.

Tentativas de aumento de horas de trabalho e de redução de salários

Os proprietários dos tearões de lá Coheco de East Rochester, N. H., resolveram aumentar o número de horas de trabalho nas suas oficinas de 50 para 54 horas semanais. Anuncia-se também uma baixa de salários.

Em Fall River, Mass., também há a pretensão de se fazer uma redução de 10 %, nos salários dos operários têxteis, o que equivale a uma diminuição de salário de 14 dólares por semana.

Regalias conquistadas e mantidas à custa de ásperas lutas

Todas as regalias que disfrutavam os trabalhadores americanos têm sido conquistadas à custa de ásperas lutas, e só por meio da acção directa as conseguem fazer respeitar.

Assim, os «chauffeurs» de Saint Louis, ao aproximar-se a época da renovação do seu contrato anual, se querem que o seu salário passe de 28,50 dólares para 32,50, têm de recorrer a uma greve, porque os patrões em vez do que eles pedem, querem passar a pagar-lhes, por semana, 25 dólares.

Sangrenta luta entre o Ku-Klux-Klan e a policia do Estado de Illinois

Nenhuma cidade dos Estados Unidos tem sido tanta vez teatro de lutas sangrentas nos últimos anos, como a de Herrin, no condado de Williamson (Illinois).

A razão disto é que Herrin é uma das cidades do Ku-Klux-Klan, que tinha ali um servidor zeloso na pessoa de Glen Young. Seguindo dum bando de partidários armados até aos dentes, este criminoso invadia todas as habitações, onde supunha haver bebidas, alcoólicas, e, revirando tudo, embora não encontrasse nada suspeito, nunca se retirava com as mãos vazias.

Young, naturalmente, contava muitos inimigos em Herrin, mas o seu principal adversário era o chefe da policia, o «sheriff» Ora Thomas.

O antagonismo dos dois homens foi muitas vezes causa de verdadeiras batalhas, das quais resultaram muitas mortes e que necessitaram muitas vezes, para terminarem, da intervenção da tropa.

Recentemente os dois inimigos encontraram-se na rua e começaram loucamente a despear um sobre o outro tiros de revólver.

A fustilaria durou alguns minutos e quando terminou, além duns vinte feridos, jaziam na calçada quatro cadáveres: Young, Thomas, Forbes e um outro indivíduo, chamado Warren.

Como é sabido a Ku-Klux-Klan luta pelo engrandecimento da sua pátria, tal como a nossa União dos Interesses Económicos, e contra a desordem que nela querem introduzir os bandidos da I. W. W. e os estrangeiros indesejáveis.

A piedade pelas Igrejas

Sob o título de «A grande piedade pelas igrejas americanas», as agências telefónicas transmitiram informações, lamentando a destruição duma igreja cristã episcopal em New York para ser substituída por um banco.

Embora não nos regosijemos em ver substituído o deus dos cristãos pelo deus milhã, visto que dum e doutro só males tem vindo à humanidade, nós, no entanto, o que lastimamos é que as agências de informações ao mesmo tempo que invocam piedade para um amontoado, — inestético quasi sempre, — de pedras, se esqueçam que o próprio deus dos dólares tem nas suas mãos presentemente ameaçado de morte, o anarquista Sacco, e que pretende extinguir a lucidez do espírito de Vanzetti numa casa de loucos.

Em vez da «grande piedade pelas igrejas americanas» mais valia que procurassem despir por todo o mundo piedade pela sorte dos dois anarquistas italianos.

NA AUSTRÁLIA

Manifestação contra a guerra

Numa manifestação, contra a guerra realizada em Melbourne, o principal orador foi o primeiro ministro trabalhista, Prendergast of Vitória, que disse que as guerras tinham sido inventadas para aumentar a riqueza dos capitalistas.

Declarou que as massas nunca ganharam nada com elas e que só têm servido de carne para canhão.

Os feriados operários

Agora que existe o governo trabalhista em cinco dos seis estados australianos, está-se fazendo um movimento, para que o 1.º de Maio seja feriado em toda a Austrália.

Uma grande campanha está também sendo sustentada, para se diminuirmos as horas de trabalho. A pesar da maior parte das organizações ter já as 44 horas de trabalho por semana, há ainda algumas classes que têm 48 horas. Depois de se conseguir as 44 horas para todas, iniciar-se há um movimento a favor das 40 horas de trabalho por semana — oito horas diariamente por cinco dias na semana.

NO CANADA

As misérias do regime capitalista

Em Vancouver, Canadá, os sem-trabalho estão recorrendo a todos os estratagemas

Crise de trabalho e baixa de salários

Litógrafos e anexos

Pede-nos o gerente da litografia do nosso amigo Cristiano de Carvalho, a propósito da comunicação do Sindicato dos Litógrafos e Anexos sobre crise de trabalho, que publicamos no nosso número de 6 do corrente, para esclarecermos que, nesta casa, os operários não estão a trabalho reduzido nem nunca estiveram.

Encadernadores e anexos

A direcção do sindicato convidou todos os encadernadores, pautadores e costureiras, socios ou não, que se encontram desempregados, com trabalho reduzido a comparecerem hoje na sede do sindicato, T. do Oleiro, 13, pelas 20,30 horas, a fim de se inscreverem no respectivo boletim.

Metalúrgicos de Lisboa

A comissão executiva do conselho técnico do S. U. Metalúrgico ocupou-se, em sua reunião, da situação dos sem-trabalho constatando pouca solidariedade aos mesmos por parte dos que tinham o dever de os auxiliar. Deliberou apelar para os camaradas das oficinas que têm listas em seu poder de auxílio aos sem-trabalho para as não retardarem com qualquer quantia. Quem não tenha listas pode vir buscá-las à sede do sindicato todos os dias, das 20 às 22 horas.

Tomou conhecimento do facto de alguns operários da C. P. irem trabalhar, fora das regulares, para as oficinas das Obras Públicas, Rua Afonso Paula, o que mais afecta os componentes da industria, resolvendo officiar sobre o assunto ao sindicato do pessoal da C. P.

Convidam-se todos os desempregados a reunir hoje, pelas 15 horas, para tratar dos auxílios a distribuir.

O operariado de Sines contra a crise

SINES, 2.º — Reuniu a classe trabalhadora no Centro Recreativo. Presidiu Jaime Martins, secretário José da Silva Azevedo e José F. da Silva Aberta a sessão, o presidente expôs a assembleia quais os fins da sessão e, depois de apresentar os delegados da C. G. T., e considerar a tribuna livre, deu a palavra a Manuel Tavares Adão, delegado da C. G. T. Este começou por criticar os governos que se deixam subornar por políticos e pelas chamadas «forças vivas» não se lembrando dos interesses do povo. Frisou a maneira como se encontra o país, em face das arremetidas do capital, sendo de opinião que é necessário por um travão a este estado de cousas de forma a não poderem continuar os operários no eterno sofrimento quando lhes assiste a Justiça e a Razão.

Manuel Nunes, delegado do mesmo organismo, salda a assembleia em nome da C. G. T. e diz que se encontra bastante satisfeito por ver que o operariado de Sines acorreu, na sua grande parte, a sessão que a todos interessa, justificando-se assim a razão do forte movimento. Cita vários exemplos para provar que é dentro do sindicato que o operário poderá encontrar melhoria de situação, desprezando todos os vícios e preconceitos prejudiciais aos trabalhadores. Desfaz a lenda de que a lei das 8 horas é para animar a indústria e a uma necessidade de ordem física. Condena a crise de trabalho, dizendo que se não deve admitir uma baixa de salário. Refere-se largamente ao jogo da alta finança, que pretende, com o movimento das

para darem entrada nas cadeias, onde têm garantida a alimentação e um lugar quente para dormir.

Assim oito jovens desempregados e sem dinheiro, entraram em grande número de restaurantes e comeram sem nada pagar. Interrogados no tribunal a este respeito, responderam que assim tinham procedido para que os prendessem.

Como é costume, os governantes têm prometido resolver esta crise de desemprego sem demora, estando para esse fim a elaborar interessantes e «eficazes» projectos que já mais se chegam a pôr em prática.

ALEMANHA

O partido comunista alemão e as juventudes condenam o trotskismo

A «Rote Fahne» publicou uma nota do conselho politico do partido comunista alemão, aprovando as medidas tomadas contra Trotski pelo partido comunista russo.

Cada operário deve compreender, diz a nota, que esta resolução é a expressão da mais forte potência, e que só um partido que é fortemente unido se pode permitir tais medidas.

Uma imponente manifestação contra o gabinete Luther

Um «meeting» monstro organizado pela social-democracia contra o gabinete Luther teve lugar no Palácio dos Sports, onde se reuniram mais de quinze mil pessoas.

O presidente da assembleia, o deputado Kunstler, declarou que a formação do gabinete Luther constituía uma provocação ao proletariado alemão, provocação à qual o proletariado devia responder com uma declaração de guerra.

O dr. Loebe, presidente do Reichstag, fez em seguida um resumo da situação politica interna alemã desde que foi assinado o tratado de paz.

«Os nacionalistas», disse ele, depois de se terem desembarcado pelo assassinato de Erzberger e de Rathenau, têm sucessivamente empreendido campanhas contra todos os ministros republicanos.

«Se a classe operária alemã não vela, não tardará (tal e qual como em Portugal) a restabelecer o seu domínio sobre a Alemanha, como na véspera da guerra».

A greve geral dos ferroviários

Em aditamento a um artigo que publicamos há dias, parece que a greve geral dos ferroviários está em vésperas de rebentar, sendo a situação actual na Gran Bretanha a seguinte:

A União Nacional dos Ferroviários tinha pedido há tempo um aumento de salário às companhias.

Estas não só recusaram fazer qualquer

chamadas «forças vivas», levar deputados ao Parlamento para mais facilmente defenderem os seus interesses. Afirma o orador que têm sido os operários que várias vezes têm defendido a República, embora não estejam integrados com os seus fundamentos. Ocupando-se da exploração dos lavradores que pagam um terço dos salários aos seus assalariados, condena o seu gesto, pois ao venderem os seus produtos não o fazem por preço inferior. Termina apresentando uma moção, a qual é do teor seguinte:

«Considerando que o industrialismo pretende neste momento conseguir uma baixa de salários e aumento das horas de trabalho;

que nada há que justifique essas pretensões, pois que o custo da vida está mais elevado e o aumento das horas de labor apenas contribuiria para agravar a já pavorosa crise de trabalho;

que para completar este negro quadro a União dos Interesses Económicos pretende estabelecer uma ditadura patronal;

que o estabelecimento dessa ditadura viria destruir as poucas regalias conquistadas e cimentadas pelo sangue proletário;

O operariado de Sines, reunido em sessão pública para apreciar a crise de trabalho, resolve:

1.º — Não consentir, seja a que pretexto for, a redução dos salários ou que se aumentem as horas de trabalho.

2.º — Conforme as resoluções do Conselho Confederal da C. G. T., impedir no momento oportuno e por todos os meios ao seu alcance, a consecução dos desígnios torpes da alta finança, comércio e industria.

A moção foi aprovada por unanimidade, sendo encerrada a sessão aos vivas à C. G. T. e a A Batalha. — E.

Os corticeiros de Silves triunfam contra a baixa de salários

SILVES, 7.º — Como informámos, a firma corticeira Empresa Industrial Silvense pretendia diminuir 10 por cento nos salários. Como porém, a classe reputasse tal pretensão a gerência da referida Empresa resolveu reduzir apenas dez réis por arroba de corticeira cosida, e igual quantia por arroba de corticeira raspada, o que, no entender do gerente e do empregado é uma diminuição insignificante.

A classe tornou a reunir resolvendo enviar uma comissão a entrevistar o gerente da Empresa, manifestando-lhe que a classe não consentia nem um real de diminuição nos seus salários, ao que o gerente, depois de trocadas algumas explicações, disse que já tinha dado ordens para os operários trabalharem na segunda-feira, dia 9. A classe voltou a reunir, conscia de que tinha cumprido o seu dever contra a baixa de salários, resolvendo que esses camaradas vão trabalhar, registando assim uma brilhante vitória. — E.

Alastra a miséria na Mina de São Domingos

MINA DE SÃO DOMINGOS, 8.º — Foram ontem despedidos pela Empresa Mineira mais 25 operários.

Já aqui se observa a apreensão dos espíritos que a miséria extrema obriga a raciocinar. Aqueles misérrimos párias que a ambição desmedida do patronato lançou nos sabemos em que senda, muito pouco nos fazem compreender dos sofrimentos que intimamente sentem. Só os queixumes das vítimas chegam até nós. — C.

aumento, mas anunciaram uma breve redução nos salários, redução que seria, em Londres, de sh. 4 por semana e 6 shillings na provincia.

Naturalmente a União declarou que se as companhias pensassem, na verdade, em reduzir os salários, os ferroviários responderiam com uma greve geral.

Queixas e reclamações

Um vexame

Os operários das oficinas da Companhia do Gaz, na Boavista, foram ontem sujeitos a um vexame — que é ao mesmo tempo um insulto.

Tendo um «chauffeur» dado por falta de uma carteira, todos os operários foram apalpadados a saída por policia requisitados para esse fim.

Não é licito duvidar e vexar assim a honestidade dos que trabalham.

Um cabo de policia «apreensor» de livros

O operário João José Cerqueira, segundo nos veio declarar, encontrava-se no domingo conversando com alguns amigos junto ao Café 5 de Outubro, quando se acercou dele o cabo 102 da esquadra da Mouraria que o prendeu, fazendo-o conduzir a aquele posto.

Uma vez ali, e depois de lhe serem revistados todos os papéis, restituíram-no à liberdade, «aprendendo-lhe» uns livros de que era portador.

O Cerqueira protestou, mas os livros ficaram como reféns.

Um mestre atrevido

O mestre Travassos da União Construtora do Pogo do Bispo, a dar crédito ao que nos informaram, pelo seu procedimento grosseiro e atrevido tem originado inúmeros conflitos com o pessoal ao seu serviço. Ultimamente, repetiu com um operário as suas atitudes. Este, não estando para as suportar respondeu-lhe, dando motivo a um conflito que deve ser derimido judicialmente. O Travassos então, para comprometer o acusado anda aliciando pela fabrica alguns operários para deporem contra o seu companheiro, segundo ontem nos vieram referir. Se não é criteriosa a atitude do mestre em referência, não será decente também ver amanhã operários servindo de joguete do seu mestre.

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

INTERESSES DE CLASSE

Funcionalismo público

Na última carta para A Batalha, frisava o facto de ninguém mais do que o funcionalismo público ter motivo de se colocar em guarda contra as arremetidas das chamadas «forças vivas», pois que estas ao mesmo tempo que têm pretendido rendê-lo pela fome alvejam liquidá-lo pela calumnia.

O funcionalismo, que na maioria dos casos é a classe mais miseravelmente paga do país, é ainda infelizmente para muitos que sem querer fazem um frete e importantíssimo aos componentes da U. I. E., um dos mais perigosos e terríveis cancores do Estado, pois que esses, a quem me refiro, sem curarem saber da veracidade das afirmações que os outros fazem, começam também a fazer corno com aqueles que nos dirigem as mais torpes e baixas calúnias.

Fácil seria mostrar, aos camaradas dotados de boa fé, que o funcionalismo de hoje, não é o pária que se diz, nem o inútil que se apregoa, pois que existindo de facto uma boa dose de madraços e empatas, também existe muita actividade desperdiçada e muita competência distraída e uns e outros alguma coisa de pratico procuram fazendo, e tanto assim é, que a complicada máquina burocrática lá vai caminhando como lhe é possível e decerto mais e melhor caminhará no dia em que sejam os competentes que livres de politica ou religião a dirijam e manejem.

Há pouco algum fez publicar nos jornais uma nota em que se comunicava o número dos «sem trabalho», nota que ninguém quis perilhar ou dela tomar responsabilidade, no entanto, creio não ser difícil provar que na realidade em todas as repartições existem criaturas que embora se digam funcionários do Estado, só conhecem o ordenado que auferem e o republicano que apregoam, e melhor seria que o funcionalismo fizesse por si aquilo que deixa fazer aos outros, isto é: acusar os mandriões que o comprometem e prejudicam.

De há muito que se nota a absoluta necessidade de mudar de processos e orientação, mas ao que parece só agora se começa a fazer algo de interessante, pois que a maioria daqueles que supunham que os acontecimentos de que falávamos, apenas se produziram quando as galinhas tivessem dentes, estão verdadeiramente surpreendidos com a vertiginosidade e clareza com que se têm desenvolvido, e assim se vê começar a aparecer no horizonte associativo qualquer coisa que nos consola e alegria.

Grita-se contra o caos e a desordem que se constata nos diversos serviços do Estado, e isso mais do que ninguém os funcionários do proprio Estado podem testemunhar, pois que por vezes são os principais atingidos, e assim agora, e devido talvez um pouco à sua indolência, se verifica que uma grande parte dos funcionários dependentes da Província da Assistência Publica estão na contingência de, apesar de terem pago todas as prestações necessárias para a Caixa de Aposentações, verem dum momento para o outro prejudicado o seu futuro, uma vez que deixando-se «comer» é o termo, quando foram nomeados, consentiram sem o seu protesto que o diploma de funções públicas fosse apenas assinado pelo provedor da Assistência ou directores de serviço, criaturas que pela sua apregoada cultura deveriam saber que não tinham competência para o fazer, pois que essa função é privativa do presidente da República e do ministro que os nomeia, dando agora como resultado que esses indivíduos que ainda serão algumas dezenas em vez de funcionários do quadro são meros contratados. Quem protege agora esses funcionários, que pela sua confiança em criaturas que a não mereciam ficam numa situação prejudicial?

Provavel será que nem os atingidos tenham compreendido ainda a gravidade da situação que lhes criaram, mas se não a compreenderem aqui lhe expomos bem claramente: ou se mexem e reclamam de quem de direito uma acção a sua situação ou amanhã quando o tentarem ser demasiado tarde. Há que actuar, mas imediatamente, pois o tempo urge, e no presente momento em que tudo parece congregar-se para uma mais larga protecção aos humildes e em que o actual delegado do governo na Assistência está prestes a ser agraciado com uma das numerosas comendas em que a república tem sido fértil, pelos serviços prestados à humilhação, tudo lhes será possível e de mais num caso em que a Justiça está toda do seu lado.

Urge também a remodelação dos serviços públicos para evitar tantos disparates e tantas asneiras, mas o governo, antes de a apresentar ao parlamento que a exponha aos interessados já que teimam em não a deixar fazer a eles como de justiça estava indicado, e então esses que fazem uma reforma, mas reforma democrática e a valer. Antes disso que exponham a essa caterva de malandres que para aí os acusam a miséria que lavra nos nossos lares e de que foi exemplo o suicida da Rua da Barroca e depois se para tanto for necessário que se erga e caminhe, na conquista do futuro e na senda do progresso, de contrário que receba o fruto do seu silencio e comodismo.

PAULO EMILIO.

SOLIDARIEDADE

Pró-desempregados

A comissão executiva do conselho técnico do S. U. Metalúrgico registou a entrada das seguintes queixas: Casa [Cantim, 12550; Empresa Mecânica Lisbonense, 29500; P. V. L., 184550; Promitente, 33600; Bernardo Manuel, 36300; P. A. M., 38550; Caris, oficina de mecânica, 68390; U. Termica, 57400 (Cruz Quebrada); Vicente (Amoieiras), 28570; Dargen, Ltd., 56335; Latocia, Mecânica, Ltd., 13850.

Pró-João de Oliveira

Encontram-se já à venda, na secção da Juventude da Meia Laranja, onde devem ser procurados todas as noites, os bilhetes para a festa pró-João de Oliveira, preso por delicto social.

Castro Simões

RELOJEIRO

RUA DO CAPELÃO, 40, 2.º D

Vida Sindical

C. G. T.

Comité confederal

Reúne amanhã, pelas 21 horas, para apreciação de correspondência urgente.

COMUNICAÇÕES

Pintores da Construção Naval. — Reuniu esta associação em assembleia geral para apreciação e aprovação da reforma dos estatutos e do novo regulamento interno, que depois da leitura foram aprovados por unanimidade.

Mais foi resolvido na próxima assembleia geral dar a adesão à Federação Marítima, nomeando os seus delegados, como também ser discutido o regulamento de trabalho e as bases orgânicas do conselho técnico, para serem presentes às Empresas e Companhias de Navegação, e nomear delegados à União dos Sindicatos Operários.

Liga dos Oficiais da Marinha Mercante Portuguesa. — Eleger: Conselho Administrativo: Presidente, João B. Borges do Canto; vice-presidente, José Camelo; secretário administrativo, J. Henriques Moraes; idem bibliotecário, Joel Lopes Gomes; tesoureiro, António Pinto e Neto; vogais: António Lopes e Vieira da Silva. Assembleia geral: Presidente, Cesar Faria; secretário, José Cardoso e Teodoro Lima. Conselho Técnico: Guidão Avelino, Vicente Aguiar, dr. Salvador, Ernesto Alfredo Soares e Vitor Carlos Pinto.

Foi resolvido enviar uma representação à Direcção Geral de Marinha, protestando pelo facto de esta Direcção ter permitido matricular a bordo do lugre «Fernando» um praticante quando havia oficiais encartados desembarcados e inscritos. Nesta mesma assembleia foi deliberado reunir a assembleia geral no dia 10, pelas 14 horas, a fim de tomarem posse os corpos gerentes tratar de assuntos de interesse para a classe.

S. U. C. Civil. — Comissão Escolar. — Tendo a União Sindical Popular uma secção no Sindicato Único da C. Civil são convidados todos os camaradas a assistirem à continuação da série de conferências que a mesma universidade se propôs fazer hoje pelas 21 horas.

S. U. Metalúrgico. — Conselho Técnico. — Resolveu a comissão executiva coadjuvar a comissão organizadora da festa a realizar no sábado, 21 do corrente, a fim de procurar melhor receita a favor da propaganda e escola do sindicato, achando-se já na posse da comissão executiva bilhetes para a mesma festa. Resolveu mais visitar no hospital um operário vítima de acidente de trabalho e convocar o conselho para a quinta-feira próxima.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE. **Compositores Tipográficos.** — Para continuação dos trabalhos, a assembleia geral, pelas 18 horas.

Foguetes de Mar e Terra. — A's 18 horas, assembleia geral para continuação dos trabalhos da última